

# ***GEOGRAFIAS DE DESEJO: (RE)MAPEANDO AS VIDAS NEGRAS LGBTQ***

**Joshua Kamau Reason**

*Universidade do Texas em Austin<sup>1</sup>*

## **Resumo**

Essa pesquisa contextualiza a experiência urbana através das vidas negras LGBTQ. Apesar de ser uma comunidade diversa, com percepções divergentes sobre a cidade, as pessoas LGBTQ de Salvador são invisibilizadas pela Prefeitura e outros órgãos oficiais que fazem a cidade. Essa invisibilidade piora quando são consideradas as intersecções de raça, economia, e outros fatores que afetem quem merece espaço na cidade. Com base em historiografia, mapeamento participativo, e análise audiovisual, essa pesquisa interdisciplinar mostra como os negros LGBTQ resistem e (re)constroem Salvador para refletir seus próprios entendimentos de espaço, criando novas possibilidades para a estrutura de Salvador no futuro. Sintetizando essa linha de pesquisa, o autor explora como o desejo (sexual, platônico, romântico, etc.) se manifesta no espaço físico de maneiras que determinam quem tem o direito ou não à acessibilidade, segurança, e nos casos mais extremos, à vida. Esse tipo de análise espacial, referida aqui como *geografias de desejo*, é imprescindível porque permite uma compreensão de como as pessoas negras LGBTQ navegam uma cidade que, simultaneamente, aproveita-se da existência delas e autoriza, de forma indireta, o extermínio delas através de violência LGBTfóbica.

*Palavras-chave:* sexualidade, transgeneridade, negritude, geografia, Salvador da Bahia.

## **1. Introdução**

Uma noite de quinta-feira, em outubro, eu convidei minha amiga, Rayane, para dar um passeio no Rio Vermelho. Ela, uma negona trans de 28 anos, havia acabado de retificar seu nome e sexo do registro civil, e por isso a convidei para celebrar. Quando ela chegou, a gente comeu um acarajé no ponto de Regina, que fica ao outro lado da ruazinha que separa a Dinha do Acarajé e o estacionamento. Comendo acarajé com uma coca cola, a gente conversou sobre o processo de retificar o registro dela e os próximos passos na retificação dos outros documentos. Além de ser o início de um processo mais longo, ela ficou feliz que já venceu um desafio no reconhecimento da vivência dela quanto mulher.

Quando acabamos de comer, voltamos para a Dinha. Eu perguntei se ela queria sentar e beber um pouquinho antes de ir embora. “Você que sabe,” ela disse, com pouca convicção. Ia perguntar

---

<sup>1</sup> Email: jkreason@utexas.edu

de novo, mas como já estava ficando tarde a gente procurou um moço para nos levar a uma mesa. Ela tomando uma cerveja e eu uma caipirinha, continuamos falando sobre namorados, festas, e outros assuntos leves. No meio de uma pausa na conversa, ela me falou uma coisa que nunca esquecerei: *Eu sempre fico triste aqui, porque lembro de quando minha amiga morreu.*

Lalesca d'Capory, uma travesti negra de 24 anos, foi assassinada na primeira semana de agosto de 2018, duas semanas após o aniversário dela. Embora eu já soubesse disso, as palavras de Rayane me paralisaram. Fico com vergonha de tê-la levado a um local tão perto onde Lalesca foi assassinada e deixada na areia da praia. Ela nem falou isso para me cobrar, porque a gente ficou falando e rindo normal depois dessa revelação. Ainda assim, lembro-me do fato que em Salvador, é muito fácil esquecer das violências que acontecem em lugares de diversão. O prazer e o trauma são tão interligados e normalizados que os traços desses eventos são apagados diante dos olhares de quem não sabe, ou pior ainda, quem não quer saber das vidas perdidas naquele lugar.

O propósito dessa pesquisa não é apenas revelar espaços íntimos dessa comunidade, nem delimitar onde certos territórios acabam e outros começam. A base dessa pesquisa é mapear a cidade de Salvador através dos olhares de pessoas negras LGBTQ<sup>2</sup> que moram na cidade. Essa pesquisa prova um fato que muitos negros LGBTQ já sabem: o espaço, tanto uma concepção física quanto ideológica, está cheio de contradições. Mesmo sendo lugares construídos por pessoas LGBTQ, como Rio Vermelho, é claro que certos corpos LGBTQ são bem-vindos e outros não. Esse entendimento do espaço urbano cria novas conceptualizações de segurança, acessibilidade, e outros direitos à cidade.

A pesquisa também trata da preservação e replicação dos traumas no espaço. No seu livro sobre a performance de violência contra corpos negros no Brasil, Dra. Christen Smith analisa como Bahia, apesar dessas violências, persiste no imaginário do Brasil como um *Afro-paráíso*. Conforme Smith, “Forgotten and hidden histories tacitly shape the material environment in Bahia. Afro-paradise is forged in blood and its invisible mist permeates the air” (SMITH, 2016, p. 62).<sup>3</sup> Essa descrição revela que ambos o prazer e a violência são necessários para a formulação de Bahia

---

<sup>2</sup> A pesar de um debate na academia sobre o uso de ‘queer’ no Brasil, eu optei a botar o “Q” no LGBT porque entrevistei pessoas, embora poucas, que identificam fora dos binários de gênero e sexualidade.

<sup>3</sup> Tradução: *Histórias esquecidas e escondidas tacitamente formam o ambiente material da Bahia. Afro-paráíso é construído com sangue e o vapor invisível dele permeia o ar.*

como um Afro-paraíso. O prazer, de consumir a cultura e o corpo negro, é facilitado pelo policiamento e organização desses corpos por agentes do Estado. É assim que Rayane e eu podemos dar conta da morte de sua amiga e continuar curtindo aquela noite: já sabemos, antes de chegar naquele espaço, que a cidade, além de vender uma imagem que aproveita de corpos negros LGBTQ, não era feito por nós.<sup>4</sup>

Finalmente, essa pesquisa responde à grande pergunta: *O que é fazer uma cidade que cuida dos negros LGBTQ?* No resto do artigo, mostrarei como o mapeamento pode servir como uma ferramenta direcionada a esse fim. Chamo esse processo de (re)mapear porque, apesar de não existir mapas físicos que falam sobre a realidade espacial dessa população, os negros LGBTQ têm mapas cognitivos de onde pode ou não pode frequentar na cidade. Eles também mostram que a questão de acessibilidade para um negro LGBTQ é fluido e depende de muitos fatores, a maioria dos que estão ligados ao desejo. Passabilidade, performatividade de gênero, beleza, e outras manifestações de desejo indicam como um corpo negro LGBTQ vai ser recebido na cidade. Essa preocupação cotidiana de como você deveria apresentar-se ao mundo reflete a realidade de uma sociedade que não sabe como lidar com corpos não-normativos. Uma visualização dessa realidade através do mapeamento serve como um deslocamento da ideia que Salvador é apenas um lugar prazeroso onde a violência também existe. Em vez disso, esse mapeamento mostra a coexistência e reforço mutual de prazer e violência na criação de Salvador tanto no imaginário nacional quanto na experiência urbana do povo negro LGBTQ.

## **2. Por quê precisamos um olhar negro LGBTQ sobre a cidade?**

Cada lugar é, a cada momento, um sistema espacial, seja qual for a “idade” dos seus elementos e a ordem em que se instalaram. Sendo total, o espaço também é pontual. (SANTOS, 1978, p. 258)

Quando o estrangeiro, ou seja, uma pessoa que não é de Salvador, chega na cidade, ele fica deslumbrado pelas cores, sons, e mágica do lugar. *Não tem como não gostar da Bahia*, uma frase comum falado tanto pelos estrangeiros como pelos moradores. Ele vai provar um acarajé no Rio Vermelho, pegar uma praia num domingo no Porto da Barra, e tira uma foto com algum capoeirista ou uma Baiana receptiva no Pelourinho. No caso de alguém mais aventureiro, visitaria a Ribeira,

---

<sup>4</sup> Eu falo “nós” aqui porque além do fato de não ser brasileiro, eu sou lido como qualquer outro corpo negro LGBTQ na cidade. É só quando eu falo, ou quando eu estou ao redor de outros estrangeiros, que as pessoas me tratam como estrangeiro.

a Igreja de Nosso Senhor do Bomfim, para amarrar três fitinhas no portão da igreja e tomar um bom sorvete depois.

À noite, claro que ele sairá para curtir. Dependente de vários fatores (idade, sexualidade, renda, etc.), ele escolherá uma de três opções. No Rio Vermelho, ele encontrará uma cena diversificada, “boêmio” como todo mundo fala. Se quiser uma experiência mais “popular”, ele pode sentar num bar da Dinha do Acarajé ou no Largo da Mariquita. Caso ele tenha mais dinheiro, sentará lá no Velho Mercado do Peixe, chamado Vila Caramuru hoje em dia, para comer bem e ouvir vários covers de músicas contemporâneas. E se ele for gay (e realmente quero enfatizar a palavra “gay”, não LGBTQ), passará numa das várias boates gays do bairro. Na Barra, uma outra opção, ele encontrará uma cena mais relaxada. A maioria da orla está fechada só para pedestres, assim ele pode dar um passeio desde o Cristo até o Porto da Barra tranquilamente. No caminho, ele verá muitas opções de bares e comidas; de pipoca, beijú e acarajé até moqueca, pizza e hambúrguer, ele achará tudo o que quiser consumir. Além de não ter uma cena de boate muito forte, sempre achará uma música, sendo ao vivo ou não. No Centro Histórico, a última opção, ele encontrará mais “cultura típica” de Salvador e do Brasil em geral. Quase toda noite, há show, roda de capoeira, tambores de Olodum e Ile Ayê, samba de roda, e restaurantes com comidas típicas entre outras sabores e sons da cidade. Tem uma cena LGBTQ aqui também, mas hoje em dia é pouco frequentado por pessoas fora de Salvador. Se ele vencer o receio de ser assaltado, pegará um Uber ou 99 até um desses bares do centro para ver um show de drag e beber umas.

Mas ele realmente conhece a Salvador? Como Milton Santos fala na citação acima sobre o conceito de “tempo espacial”, cada lugar a cada momento tem um sistema espacial. O que eu quero acrescentar aqui é que o tempo espacial de um lugar nem sempre se manifesta no espaço físico, mas vive dentro das histórias, experiências, e entendimentos pessoais das pessoas que frequentam aquele lugar. Tanto o capoeirista, a Baiana receptiva, como os ambulantes, moradores de rua e travestis, dentre outros indivíduos invisibilizados na história do estrangeiro, têm leituras bem diferentes do tempo espacial em cada lugar que ele frequentou. Os prazeres que ele associa com esses lugares apaga o peso, suor, e sangue dessas outras pessoas que existem no mesmo espaço e tempo, mas não no mesmo tempo espacial dele. Não é dizer que o prazer não existe nesses lugares, ou que os soteropolitanos não podem sentir prazer nesses espaços também. No entanto, há de notar-se o fato que muitas vezes, a história do estrangeiro acaba passando como se fosse a realidade do

soteropolitano quando não deveria porque, como mostrarei no resto do artigo, Salvador era feita para o consumo de pessoas fora da cidade.

Por quê um olhar negro LGBTQ sobre a cidade de Salvador? Primeiramente, o negro LGBTQ é uma pessoa que representa bem a contradição de representação na cidade. De um lado, não há nenhum reconhecimento formal do papel que negros LGBTQ têm em fazer a cidade. Entretanto, existem estudos e relatos pessoais que confirme Salvador como um destino mais frequentado no turismo do sexo, tanto homens heterossexuais (querendo transar com mulheres e travestis) quanto homens gays (KULIK, 1998; WILLIAMS, 2013). Segunda, estamos num momento em que a Prefeitura está querendo aproveitar mais dessa imagem (porém imaginário) de Salvador como uma cidade *friendly* para pessoas LGBTQ. No “Plano Municipal de Políticas Públicas de Cidadania e Direitos LGBT”, feito pela Secretaria Municipal de Reparação (SEMUR) em 2016, tem seis áreas estratégicas para o fortalecimento da cidadania LGBT: **1)** Educação; **2)** Saúde Integral; **3)** Direitos Humanos, Justiça, Cidadania e Segurança; **4)** Turismo e Cultura; **5)** Emprego e Renda; e **6)** Promoção Social, Esporte e Lazer (SEMUR, 2016, p. 16-17). Além de ser uma boa tentativa de incorporar os LGBTs na noção de cidadania em Salvador, não realizará bem se a Prefeitura, como costuma fazer, não consulta os próprios LGBTs da cidade. Dentro dessa consulta, é imprescindível que se mantenha um recorte de raça, gênero e renda, entre outras identidades que afetam o acesso à cidadania para essa população. Uma cidade feita para todos tem que reconhecer que o espaço não é único, nem para pessoas da mesma comunidade. Assim que a Prefeitura conseguir ver a pluralidade da experiência urbana, será possível atender às necessidades de comunidades marginalizadas, inclusive as pessoas negras LGBTQ que participaram no meu trabalho.

### **3. O argumento para uma geografia de desejo**

Por um bom tempo...eu perdi a vontade de fazer muitas coisas que me davam prazer, que faziam eu me sentir viva. Eu não queria mais me encontrar com meus amigos em suas casas, sair para festas, ir nos encontros de militância LGBT, estudar, escrever; eu não queria ter que lidar com o Outro, com as trocas e interações. Só queria ficar sozinha no meu quarto, sem ter que apresentar meu corpo para o mundo lá fora e receber seus estímulos. (ARARUNA, 2017, p. 148)

Ao longo de 9 meses, realizei 40 entrevistas com pessoas negras LGBTQ de Salvador: 20 com homens e mulheres cisgêneros e 20 com homens e mulheres transgêneros e travestis. Essas entrevistas, chamadas de “mapeamento participativo”, eram compostas de duas partes. A primeira

era apenas uma conversa entre mim e o participante sobre sua vida quanto negro e LGBTQ. Na segunda parte, a gente mapeou os locais onde o participante frequenta na cidade, marcando pontos em relação a experiências positivas e negativas com a raça, gênero e sexualidade. Além de criar uma visualização coletiva da experiência urbana negra LGBTQ, a atividade serviu como uma prática de incorporação na cidade. Em outras palavras, era para o participante ver a maneira em que ele existe na cidade, os fatores que facilitam essa existência, e como ele mexe, modifica, e transforma a cidade para atender às suas necessidades.

Narrativas, como aquela da “autoetnografia transvestilizada” de Maria Araruna, eram muito comuns nas entrevistas do mapeamento participativo que eu fiz. Por causa do peso de morar numa sociedade que sempre tratam eles como objetos de sexo, enganadores e pecadores, muitos negros LGBTQ só optam por frequentar a cidade quando é absolutamente necessário. Mesmo frequentando diversos lugares de Salvador, são poucos os lugares onde eles sentem confortáveis por causa do local em si. A maior parte do tempo, as pessoas negras LGBTQ de Salvador sentem-se confortáveis num espaço por causa de fatores fora da construção física do lugar. O dia da semana, o tempo (dia, tarde ou noite), o povo que acostumaram frequentar aquele espaço, se for com amigos ou não, e a presença policial eram alguns fatores salientes que apareceram nas entrevistas. Conforme os participantes, os tipos de espaços mais seguros para essa comunidade são teatros, casas coletivas, festas voltadas por um público negro LGBTQ, a UFBA e UNEB, algumas praias mais frequentadas por pessoas LGBTQ, e suas próprias casas (dependendo da questão de aceitação entre parentes e outras pessoas que convivem naquele lar). Em geral, se é um espaço feito por nós para nós (ou pelo menos ocupado por nós), eles ficam à vontade.

No mapa mesmo, as maiores concentrações de pontos referidos às experiências urbanas dos entrevistados eram nos bairros de Rio Vermelho, Barra, Ondina/Federação, e Centro Histórico. Apesar de ser bairros acolhedores para o povo LGBTQ, os pontos indicados apresentam uma outra história: assédios, olhares grossos, assassinatos, e abordagens policiais. Quando veem a proximidade de prazer e violência nesses espaços mais frequentados pelo público negro LGBTQ, percebe que esses espaços, além de ser lotados por corpos LGBTQs, não são feitos para negros LGBTQ. São feitos para a curtição de visitantes, tantos brasileiros quanto estrangeiros, e a população elitizada de Salvador. Essa realidade também aparece nos documentos e mapas oficiais do município; BahiaTursa, a superintendência de turismo desde o ano 1968, tinha um convênio com o grupo que fazia a reforma da orla marítima de Salvador em 1986. Como três dos quatros

bairros mencionados acima fazem parte da orla, é inegável que a orla marítima de Salvador foi criada por um público específico, no qual não inclui pessoas negras LGBTQ que moram na cidade.

As entrevistas também revelam como marcadores de desejo (passabilidade, performatividade de gênero, beleza, etc.) determinam quem merece espaço ou não. Esse fator é mais saliente nas vidas das bichas afeminadas, sapatonas, e pessoas transgêneros e não binárias. Por assumirem estéticas fora do padrão de gênero ou, no caso de pessoas transgêneros e não binárias, por existir completamente fora da cisnormatividade, pessoas com essas vivências normalmente sofrem mais preconceito e violência nos espaços públicos de Salvador. Nas entrevistas, muitas dessas pessoas falavam que só sentem confortáveis na cidade quando são passáveis como uma pessoa cisgênero ou linda. Embora a pesquisa ainda esteja em desenvolvimento, há várias indicações nas entrevistas que essas questões de desejo desempenham um papel maior nas vidas desse povo. Não é bastante ser uma pessoa afeminada, masculinizada, transgênero, ou não binária em si. Seu valor enquanto cidadão está sempre conectado à beleza, à performatividade, ao sexo, e à feição.

#### **4. Conclusões, reflexões, e próximos passos**

Esse projeto, que eu comecei em 2016 como parte de meu TCC de graduação, é um processo constante de aprendizagem, adaptabilidade, e transformação pessoal. Tanto como estrangeiro quanto como pesquisador, não posso evitar as contradições e complexidades do tempo espacial em que as pessoas negras LGBTQ vivem. Às vezes, parece como um trabalho impossível. Como visualiza, num mapa só, cada fator que afeta essas percepções do espaço? Seria melhor usar a delimitação do bairro ou da região (ou uma combinação dos dois) para contextualizar essas experiências? E se não for para direitos à terra ou autonomia comunitária, como um mapa da experiência urbana dos negros LGBTQ pode tornar numa ferramenta política?

A resposta mais óbvia é a criação de dados mais específicos de onde acontece violência LGBTfóbica na cidade. Os trabalhos de organizações como a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE) e o Grupo Gay da Bahia (GGB) são centrais nesse esforço nacional do mapeamento de violência LGBTfóbica, porém são limitados na potência de influenciar políticas locais. No caso de Salvador, ainda é complicado fazer mapas no nível do bairro. Durante uma conversa com a pessoal do IBGE em Salvador, eles me explicaram que até o ano passado, não existia uma delimitação formal dos bairros. Em vez

disso, os dados do censo e outras pesquisas estaduais eram recolhidos no nível de subdistritos. Por exemplo, o subdistrito de Vitória inclui os bairros desde Campo Grande até o Largo da Mariquita no Rio Vermelho, que acaba juntando vivências não parecidas.

Embora a delimitação dos bairros ainda não representa as diversas conceptualizações de tempo espacial do soteropolitano, serve como uma base onde a pessoa pode colocar seu próprio entendimento da cidade. Também dá a possibilidade de fortalecer as políticas LGBTQ de bairro que já existem. Organizações e pesquisadores, que querem mapear a experiência LGBTQ na cidade, devem começar a recolher dados no nível do bairro para aproveitar da nova delimitação. A questão não é se a LGBTfobia existe em Salvador. Agora é onde acontece, o porquê, e como esses espaços podem ser reformados, tanto fisicamente quanto ideologicamente, para que essa população LGBTQ fique sem receio de sair de casa cada dia.

É importante também mapear lugares de conforto para essa comunidade por dois motivos. O primeiro é para modelar outros espaços na imagem desses. Já existem referências de lugares que, por ser fundado por pessoas negras e/ou LGBTQ, são baseados em acolhimento e respeito das diferenças entre pessoas. O segundo é disponibiliza a existência desses lugares para fortalecer a cidadania de pessoas negras LGBTQ. Mantendo na mente que essas informações, nas mãos erradas, podem levar esses espaços à violência, ainda tem uma grande população de pessoas negras LGBTQ que não sabem sobre os serviços e espaços que existem por eles em Salvador. Se direcionamos o mapeamento da experiência urbana negra LGBTQ a esses fins, conseguiremos criar uma cidade realmente feita para todos, todas e todxs.



## REFERÊNCIAS

ARARUNA, Maria Léo Fontes Borges. O direito à cidade em uma perspectiva travesti: uma breve autoetnografia sobre socialização transfeminina em espaços urbanos. **Periódicus**. Salvador, p. 133-153. nov. 2017.

CORREIO 24 HORAS. 07 ago. 2018. *Corpo encontrado em praia do Rio Vermelho é de travesti de 24 anos*. Disponível em <<http://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/corpo-encontrado-em-praia-do-rio-vermelho-e-de-travesti-de-24-anos/>>. Acesso em 20 out. 2018.

KULIK, Don. **Travesti: Sex, Gender, and Culture Among Brazilian Transgendered Prostitutes**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: Da Critica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SMITH, Christen. **Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil**. Champaign: University of Illinois Press, 2016.

WILLIAMS, Erica Lorraine. **Ambiguous Entanglements: Sex Tourism in Bahia**. Champaign: University of Illinois Press, 2013.